

Solidariedade e Interesse Próprio: A ONU aos 75 anos

Era para ser uma grande celebração. Mas como em muitas festas de aniversário em 2020, os convidados não puderam vir. A reunião anual da Assembleia Geral da ONU em Nova York foi estranhamente desprovida de líderes que, em um ano normal, aproveitam a oportunidade para fazer grandes declarações, pessoalmente, ao proverbial Parlamento do Homem. Em setembro de 2020, em vez da arribancada habitual, os líderes enviaram mensagens pré-gravadas. Até o garoto local - Donald J. Trump - não apareceu.

[Jussi Hanhimaki – professor, história internacional](#)

Havia uma exceção. O secretário-geral da ONU, Antonio Gutierrez, falou com as cadeiras quase vazias da Assembleia Geral. Sua mensagem foi enfática. COVID-19 foi um alerta. "Em um mundo interconectado", enfatizou Gutierrez, "é hora de reconhecer uma verdade simples: solidariedade é interesse próprio. Se não entendermos esse fato, todos perdemos."

Muitos aplaudem esse sentimento diante da pandemia do coronavírus. Um inimigo comum invisível que não conhece fronteiras e não reconhece sistemas políticos deve galvanizar nações para trabalhar em conjunto. Devemos nos unir para diminuir a propagação da Covid-19. A maneira mais rápida e segura para o desenvolvimento da arma defensiva final – uma vacina – é unindo os recursos formidáveis de cientistas em todo o mundo.

Pode parecer senso comum, mas não é assim que o mundo parece funcionar. Temos visto uma série vertiginosa de respostas nacionais, um regime em constante mudança de fechamentos e bloqueios de fronteiras, e uma batalha em curso entre o "nacionalismo de vacinas" e o "multilateralismo de vacinas". Por um breve momento (em março e abril de 2020) todos pareciam famintos por conhecimento científico. Mas com o passar do tempo, muitas pessoas se cansaram das restrições impostas às suas liberdades individuais. A desinformação – tão facilmente difundida na era das mídias sociais – saiu do controle. O trabalho dos serviços de saúde tornou-se cada vez mais difícil.

Acima de tudo, a pandemia foi politizada em nível local, nacional, regional e internacional. Isso ficou mais evidente no caso dos Estados Unidos. Já em maio, o governo Trump anunciou que os Estados Unidos estavam deixando a Organização Mundial da Saúde (OMS), acusando a Organização com sede em Genebra de ser lacaia da China. Usar a máscara facial tornou-se um símbolo político em meio à eleição presidencial em curso. Enquanto isso, a segunda onda de coronavírus chegou à Europa, efetivamente fechando cidades como Madri e Paris.

O coronavírus tem efetivamente destacado o grande dilema das Nações Unidas. Por um lado, é evidente que a solidariedade internacional é mais necessária hoje do que em qualquer momento nos últimos 75 anos.

Nenhum país, por mais poderoso ou isolado, pode esperar derrotar essa pandemia por conta própria. Por outro lado, em um mundo de Estados-nação, os políticos quase sempre agem da maneira que percebem ser melhor ao interesse próprio de seus círculos eleitorais.

Em última análise, é loucura pensar que o papel da ONU é menos importante em 2020 do que antes. Sem cooperação internacional, o vírus ficará conosco por mais tempo. Os efeitos colaterais socioeconômicos de longo prazo da pandemia serão mais severos. A ONU e seus programas não podem resolver os problemas do mundo, mas continuam a ser uma ferramenta indispensável para que os Estados-nação deixem de lado e fiquem por sua própria conta e risco. Pois a solidariedade internacional é, de fato, do interesse próprio de todos os países.

HANHIMAKI Jussi, Solidarity and Self-interest: The UN at 75. Disponível em:
<<https://www.graduateinstitute.ch/communications/news/solidarity-and-self-interest-un-75>>.
Acesso em: 26 de out. de 2020.